

A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS LEITORES DE LITERATURA INDÍGENA: MÁRCIA KAMBEBA E AILTON KRENAK EM SALA DE AULA

Emanuele Schulze Pavão ¹
Luciana Ferreira Leal ²

RESUMO

O texto tem como objetivo refletir sobre o processo de formação do leitor a partir das leituras de Ay Kakyri Tama, de Márcia Kambeba, e de A vida não é útil, de Ailton Krenak, realizadas por meio de uma sequência didática de literatura indígena desenvolvida com os alunos da turma do 7º D do Colégio Estadual Marins Alves de Camargo. A proposta visou possibilitar a formação do sujeito leitor em dois âmbitos: o leitor-aluno e o leitor pibidiano, promovendo o entendimento, a interpretação, o debate e a reflexão sobre a cultura, os costumes, os estereótipos e a diversidade histórica brasileira. A metodologia incluiu a prática da leitura compartilhada, aliada a atividades de interpretação, o que promoveu o respeito, a visibilidade e a compreensão das obras. A sequência teve duração de 15 semanas, incluindo roda de leitura (motivação), apresentação dos autores e de suas obras (introdução) e leitura guiada, considerando percepções, dificuldades e interpretações dos alunos, conforme a teoria da Sequência básica de Rildo Cosson (2016). Após a leitura, os estudantes registraram suas impressões, baseadas em perguntas-guia, em folhas disponibilizadas, o que proporcionou um significativo acervo interpretativo. A sequência foi finalizada com a produção de um mural (instalação poética), cujo objetivo foi articular texto, arte e reflexão, por meio da criação de painéis com colagens, desenhos, frases e símbolos das leituras, promovendo a sensibilização, a reflexão e a compreensão da literatura indígena brasileira.

Palavras-chave: Literatura indígena; Pibid; Formação do Leitor.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar os resultados da execução de uma sequência didática de literatura indígena desenvolvida com alunos da turma 7º D do Colégio Estadual Marins Alves de Camargo, localizado na cidade de Paranavaí-PR. A proposta foi elaborada e aplicada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí.

¹ Graduanda do Curso de Letras - Português e Inglês da Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR – Paranavaí, emanuele.schulze24@email.com

² Doutora em Letras. Professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Paranavaí, luciana.leal@unespar.edu.br



A sequência didática teve como objetivo a formação de sujeitos leitores: alunos e pibidianas, visando à desconstrução de estereótipos historicamente associados aos povos indígenas, bem como à promoção da compreensão, interpretação e do debate acerca das obras, culturas, costumes, identidades e da diversidade histórica brasileira. Além disso, buscou-se apresentar autores indígenas e suas produções literárias a partir de suas próprias vozes, destacando-se, neste trabalho, Márcia Kambeba, com a obra *Ay Kakyri Tama – Eu moro na cidade*, e Ailton Krenak, com *A vida não é útil*.

O desenvolvimento da sequência didática de literatura indígena possibilitou diferentes aprendizagens, tanto para os alunos, que ampliaram suas habilidades de leitura, interpretação e reflexão crítica, quanto para as pibidianas, que realizaram leituras iniciais das obras e planejaram as etapas da sequência didática. Essa experiência abriu caminhos para um contato mais amplo e diversificado com a literatura, promovendo discussões sobre políticas culturais, processos de reconhecimento e valorização de identidades, bem como sobre a conquista de espaços de visibilidade por diferentes sujeitos históricos e sociais.

Autores e obras

Márcia Vieira da Silva, conhecida artisticamente como Márcia Wayna Kambeba, é uma mulher indígena das etnias Omágua e Kambeba. Nascida em 1979, em uma aldeia Ticuna localizada em Belém dos Solimões, mudou-se com a família, aos oito anos de idade, para o município de São Paulo de Olivença, no estado do Amazonas.

É escritora, cantora, compositora, fotógrafa, palestrante nas áreas indígena e ambiental, professora e graduada em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Na mesma instituição, especializou-se em Educação Ambiental e concluiu o mestrado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desenvolvendo pesquisas sobre o território e a identidade de sua etnia desde o século XVI até os dias atuais, em um processo de ressignificação histórica e cultural.

Entre suas principais obras destacam-se: *Ay Kakyri Tama* (2018); *Saberes da Floresta* (2020); *O Lugar do Saber Ancestral* (2021); *Kumiça Jenó* (2021); *De Almas e Águas Kunhãs* (2023); *Infância na Aldeia* (2023); *O Curumin Wirá e os Encantados* (2023); *Cocar* (2024); *Maqueira de Tucum* (2025); *A Matinta Pajé* (2025) e *A Aldeia dos Encantados* (2025).



Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade (2016)

Ay kakuyri tama.
Ynuua tama verano y tana rytama.
Ruaia manuta tana cultura ymimiua,
Sany may-tini, iapã iapuraxi tanu ritual.

Tradução:

Eu moro na cidade
Esta cidade também é nossa aldeia,
Não apagamos nossa cultura ancestral,
Vem homem branco, vamos dançar nosso ritual.
(KAMBEBA, 2018, p.23)

Ay Kakyri Tama, lançado em 2018 pela Editora Jandaíra, constitui-se, antes de tudo, como um testemunho vivido do povo Kambeba. A obra se organiza em um conjunto de poemas intercalados com fotografias de pessoas indígenas em seus ambientes domésticos e cotidianos, imagens que dialogam diretamente com as temáticas de coragem, denúncia e esperança presentes nos textos poéticos. Os poemas são marcados por forte ritmo e musicalidade, elementos que reforçam sua oralidade e sua vinculação com a tradição ancestral.

No que se refere à materialidade do livro, a capa é composta por uma fotografia de uma criança indígena parcialmente imersa nas águas de um rio, cercada pela natureza, imagem que simboliza o vínculo entre infância, território e pertencimento cultural.

A obra é composta por 25 poemas (sendo cinco deles participações especiais de outros autores) e diversas fotografias do povo Kambeba, registradas pela própria Márcia Kambeba. Entre os poemas presentes no livro estão: Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade), Ser Indígena – Ser Omágua, Silêncio Guerreiro, Árvore da Vida, Ritual Indígena, Aldeia Tururucari-Uka (A Casa de Tururucari), União dos Povos, Tana Kumuera Ymimiua (Nossa Língua Ancestral), Território Ancestral, Minha Memória – Meu Legado, Tuxaua Kambeba, Minha Pena Vermelha, Os Filhos das Águas do Solimões, Tana Kanata Ayetu (Nossa Luz Radiante), São Paulo de Olivença – Presença Kambeba, Belém Indígena – Belém Cabocla, O Mar de Ajuruteua, Natureza em Chama, A Sina do Pescador e Caboclo Ribeirinho. As participações especiais incluem textos de Rosa Petany (Rosa Vermelha), Kambeba, Nobreza, Vitória Tão Régia e da própria Márcia Kambeba, ampliando o caráter coletivo da obra e reforçando o diálogo entre diferentes vozes indígenas.

No que se refere a Ailton Alves Lacerda Krenak, conhecido artisticamente como Ailton Krenak, trata-se de um intelectual indígena nascido em 29 de setembro de 1953, no município de Itabirinha, em Minas Gerais. Ainda jovem, mudou-se com a família para o estado do Paraná, onde foi alfabetizado e cursou jornalismo. A partir da década de 1970, passou a atuar como ativista político e ambiental, articulando filosofia, ecologia e defesa dos direitos indígenas.



Em 1987, fundou o Núcleo de Cultura Indígena e teve participação ativa na Assembleia Constituinte, destacando-se na defesa da cultura e dos direitos dos povos originários. Além de jornalista, Krenak é escritor e poeta e, em abril de 2024, tomou posse como membro da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Entre suas principais obras estão: Ideias para adiar o fim do mundo (2019); A vida não é útil (2020); O amanhã não está à venda (2020); Lugares de origem (2021); O sistema e o antissistema: três ensaios, três mundos no mesmo mundo (2021); Futuro ancestral (2022) e Um rio, um pássaro (2023).

A vida não é útil, lançado em 2020 pela Editora Companhia das Letras, reúne cinco ensaios organizados por Rita Carelli, originados de lives, entrevistas e falas públicas de Ailton Krenak. Os textos que compõem a obra são: Não se come dinheiro; Sonhos para adiar o fim do mundo; A máquina de fazer coisas; O amanhã não está à venda; e A vida não é útil. Entre os temas abordados destacam-se a pandemia da Covid-19, o capitalismo e o consumismo, a valorização da vida para além da automatização e do trabalho e a reflexão crítica sobre o futuro da humanidade.

METODOLOGIA

A metodologia adotada fundamentou-se na proposta da Sequência Básica de leitura literária de Rildo Cosson (2016), a qual contempla as etapas de Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação, visando a uma maior aproximação dos alunos com as obras literárias. Nesse sentido, foram realizadas, conforme a ordem das etapas, rodas de leitura, apresentações dos autores e de suas obras, leituras orientadas com foco na localização e interpretação de trechos dos textos, além da elaboração de uma instalação poética em formato de mural.

Para além das etapas previstas por Cosson, o desenvolvimento da sequência também envolveu os planejamentos e registros elaborados pelas pibidianas, os quais serão apresentados ao longo deste relato, evidenciando o processo formativo docente e discente.

Utilizou-se, predominantemente, a leitura compartilhada, na qual as pibidianas realizaram a leitura em voz alta enquanto os alunos acompanhavam o texto e registravam suas impressões por meio de materiais físicos e recursos projetados em slides. Essa estratégia favoreceu as interações entre pibidianas e alunos, entre os próprios alunos e entre os alunos e as obras, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades de antecipação, decifração e interpretação de maneira leve e lúdica.



Antes da aplicação em sala de aula, a sequência didática foi previamente planejada pelas pibidianas em conjunto com a professora supervisora e a coordenadora do PIBID, sendo organizada em duas partes: a primeira dedicada à obra *Ay Kakyri Tama*, de Márcia Kambeba, e a segunda voltada para *A vida não é útil*, de Ailton Krenak. Para tanto, realizou-se a leitura integral das duas obras, a fim de subsidiar a elaboração do planejamento inicial referente à etapa de Motivação.

Por fim, destaca-se também o desenvolvimento das pibidianas enquanto sujeitas leitoras, uma vez que, assim como os alunos, puderam ampliar seus horizontes de leitura, entrar em contato com novas perspectivas literárias e culturais e compartilhar esses aprendizados no espaço da sala de aula.

Desenvolvimento

A sequência didática de literatura indígena foi desenvolvida no Colégio Estadual Dr. Marins Alves de Camargo, com alunos da turma 7º D, às terças-feiras, no período vespertino, ao longo de 15 semanas, entre os dias 26 de agosto e 02 de dezembro de 2025. A proposta teve como objetivos principais desconstruir estereótipos culturais historicamente associados aos povos indígenas, apresentar autores indígenas que narram suas histórias a partir de suas próprias vozes e oportunizar o contato e a leitura de duas obras centrais: *Ay Kakyri Tama*, de Márcia Kambeba, e *A vida não é útil*, de Ailton Krenak.

Antes do início da aplicação da sequência didática, foi realizado, no dia 26 de agosto de 2025, um levantamento diagnóstico por meio de um questionário elaborado no Google Forms, aplicado no laboratório de informática do colégio. O instrumento teve como finalidade identificar os conhecimentos prévios dos alunos acerca da literatura indígena. Entre as principais perguntas presentes no formulário, destacam-se:

- 1) Você sabe o que é literatura indígena? Tente explicar com suas palavras.
- 2) Você conhece autores ou autoras indígenas brasileiros(as)? Se sim, liste alguns nomes que você lembra.
- 3) Alguma vez, em alguma disciplina (Português, História, etc.), você já estudou textos ou autores indígenas? Conte como foi.
- 4) Você já ouviu falar de Márcia Kambeba ou Ailton Krenak?
- 5) Na sua opinião, por que é importante ler obras de autores e autoras indígenas brasileiros(as)?

Os resultados obtidos por meio desse questionário mostraram-se preocupantes. Cerca de 32,1% dos alunos afirmaram nunca ter ouvido falar em literatura indígena, enquanto outros 28,6% declararam não ter certeza sobre o que o termo significava. A maioria dos estudantes não conseguiu explicar o que entendia por literatura indígena e relatou não ter lido obras desse



tipo, sendo que apenas dois alunos afirmaram conhecer algum autor indígena. A partir das respostas, foi possível perceber que a visão predominante sobre a literatura indígena era superficial e restrita a conteúdos abordados, de forma pontual, nas disciplinas de História e Geografia.

Apesar desse diagnóstico inicial, os dados não foram interpretados de forma desanimadora. Ao contrário, compreenderam-se tais respostas como indicativas de impressões ainda muito iniciais sobre a literatura indígena, as quais poderiam, e de fato foram, ampliadas e aprofundadas por meio das leituras, atividades e discussões propostas ao longo da sequência didática.

Motivação

Na etapa de Motivação, foi desenvolvida uma roda de leitura intitulada “Explorando vozes da literatura indígena”, com o objetivo de aproximar os alunos das obras literárias, prepará-los para as leituras subsequentes e estimular a escuta atenta, a interpretação e o interesse pela leitura. Além disso, buscou-se promover o reconhecimento e a valorização das culturas originárias do Brasil, bem como sensibilizar os estudantes para a importância da representatividade indígena e da preservação da memória desses povos no campo literário.

Para a realização da atividade, foram distribuídos aos alunos trechos selecionados de obras de autores indígenas brasileiros, entre elas: Kumiçá Jenó, O lugar do saber ancestral e Ay Kakyri Tama, de Márcia Kambeba; A vida não é útil e Futuro ancestral, de Ailton Krenak; Os filhos do sangue do céu, de Daniel Munduruku; e Dos povos da floresta e Olho d’água, de Roni Wasiry Guará. Após a distribuição dos fragmentos, cada aluno realizou a leitura do trecho recebido e, em seguida, compartilhou com a turma suas impressões, sensações e interpretações iniciais, o que favoreceu a construção de um espaço de diálogo e reflexão coletiva.

A aula ocorreu conforme o planejamento previamente estabelecido, apresentado no Quadro 1, que sistematiza os objetivos, as atividades e os procedimentos adotados na etapa de Motivação da sequência didática.

Quadro 1 - Planejamento: Motivação à Literatura Indígena (Roda de Leitura)

Plano de Aula — Introdução à Literatura Indígena (Roda de Leitura)

1. Identificação

Escola: Colégio Estadual Dr. Marins Alves de Camargo. Série/Ano: 7°. Turma: D

Supervisora: Maria Aparecida Loureiro

Pibidianos: Emanuele Schulze Pavão e José Carlos Bertacchi



Data: 02/09/2025. Horário: 13h30 – 17h55

2. Tema: Roda de leitura — Explorando vozes da literatura indígena

3. Objetivos

- Aproximar os alunos da literatura indígena.
- Desenvolver a escuta atenta, a interpretação e o gosto pela leitura.
- Estimular o reconhecimento e a valorização das culturas originárias do Brasil.
- Sensibilizar os alunos para a importância da representatividade e da preservação da memória indígena na literatura.

4. Conteúdo

Introdução à literatura indígena contemporânea.

Conhecimento de autores e autoras indígenas brasileiros(as).

Temas recorrentes nas obras: identidade, ancestralidade, resistência, cultura, território, relação com a natureza.

5. Metodologia

Formação de roda de leitura (leitura compartilhada).

Leitura em voz alta realizada por pibidianos(as) e professora supervisora (opcionalmente intercalada com os alunos).

Escolha espontânea de alunos que desejarem ler trechos.

Conversa aberta sobre as impressões e sentimentos despertados pelos textos.

Incentivo ao diálogo e às interpretações pessoais, sem julgamento de respostas “certas” ou “erradas”.

6. Recursos Didáticos

Livros de literatura indígena (Kumiça Jenó, A vida não é útil e Futuro Ancestral) trazidos pela equipe.

Cópias de trechos selecionados, incluindo poemas e fragmentos de crônicas.

Espaço organizado em roda (sala ou pátio).

7. Desenvolvimento

- Introdução (10 minutos):

Acolhida e explicação do objetivo da aula: conhecer vozes e histórias da literatura indígena.

Breve contextualização sobre quem são alguns autores indígenas e a importância de suas obras na preservação cultural e na formação identitária do Brasil.

- Desenvolvimento (30 minutos):

Apresentação dos livros e leitura de pequenos trechos selecionados, com variação de vozes dos pibidianos e alunos.

Após cada leitura, promover conversa breve sobre

O que chamou atenção no trecho?

Que imagens, sentimentos ou memórias ele despertou?

Valorização das relações pessoais que os alunos fizeram com os textos.

- Fechamento (10 minutos):

Síntese coletiva das percepções mais marcantes.

Reflexão sobre a importância da diversidade cultural na literatura.

Preparação para a sequência didática: anúncio de que conhecerão mais profundamente as obras Ay Kakyri Tama e A vida não é útil.

8. Atividades

Participar da roda de leitura.

Contribuir para a conversa e reflexão em grupo.

9. Avaliação

Avaliação formativa a partir da observação do envolvimento e participação dos alunos durante a leitura e as discussões.

Atenção ao interesse demonstrado, à escuta atenta e às contribuições espontâneas.

- Observações:

Organizar o espaço em roda para criar um ambiente acolhedor e participativo.

Incentivar, mas não obrigar, a leitura em voz alta por parte dos alunos.

Garantir adaptações e apoio para alunos com necessidades específicas.

Escolher trechos que tenham força poética e cultural para despertar curiosidade e reflexão.

Fonte: Acervo Pessoal



Introdução

A etapa de Introdução da primeira parte da sequência didática foi desenvolvida por meio da apresentação da autora Márcia Kambeba e de sua obra Ay Kakyri Tama, com o apoio de slides. As informações apresentadas foram organizadas a partir de um resumo elaborado pelas pibidianas, com o objetivo de contextualizar a autora, sua trajetória e a relevância de sua produção literária no cenário contemporâneo da literatura indígena brasileira.

Conforme apresentado nos slides, Márcia Kambeba é uma mulher indígena do povo Kambeba/Omágua, nascida na aldeia Belém dos Solimões, território do povo Tikuna. Atua como escritora, poeta, palestrante, cantora, compositora, fotógrafa e contadora de histórias, além de ser doutora em Letras e mestre em Geografia. É membro da Academia Formiguense de Letras, em Formiga–MG, e possui ampla produção literária, com onze livros publicados, sendo um deles editado nos Estados Unidos. Entre suas principais obras destacam-se: Ay Kakyri Tama (2018), Saberes da Floresta (2020), O Lugar do Saber Ancestral (2021), Kumiça Jenó (2021), De Almas e Águas Kunhãs (2023), Infância na Aldeia (2023), O Curumin Wirá e os Encantados (2023), Cocar (2024), Maqueira de Tucum (2025), A Matinta Pajé (2025) e A Aldeia dos Encantados (2025).

No que se refere à obra Ay Kakyri Tama, os slides destacaram a presença de uma forte contextualização histórica e cultural, evidenciada pela valorização dos territórios, da memória e das vivências da autora. Esses elementos puderam ser identificados tanto na leitura dos poemas quanto na apreciação das fotografias que compõem o livro, as quais dialogam diretamente com os temas abordados nos textos poéticos.

Além das informações biográficas e contextuais, foram incluídas nos slides imagens da autora, de suas obras e, especificamente, de Ay Kakyri Tama, bem como a leitura de três poemas introdutórios: “Índio eu não sou”, “Ser indígena – Ser Omágua” e “União dos povos”, que contribuiram para sensibilizar os alunos e introduzi-los às temáticas centrais da obra. O desenvolvimento da aula foi registrado conforme o planejamento apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Registro Reflexivo: Introdução a Márcia Kambeba e Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade)

Registro Reflexivo – Aula: “Introdução a Márcia Kambeba e Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade)”

Identificação

Escola: Colégio Estadual Dr. Marins Alves de Camargo. Série/Ano: 7º. Turma: D

Supervisora: Maria Aparecida Loureiro



Pibidianos: Emanuele Schulze Pavão e José Carlos Bertacchi
Data: 09/09/2025. Horário: 13h30 – 17h55

1. Planejamento e execução da aula

A aula foi planejada para o desenvolvimento da introdução sobre Literatura Indígena e da autora Márcia Kambeba. O objetivo foi introduzir os alunos à literatura indígena e a autora por meio de slides e trechos da obra Ay Kakyri Tama, fazendo a leitura dos mesmos e depois recolhendo impressões e entendimentos por meio de perguntas.

2. Dinâmica e participação dos alunos

A turma se manteve concentrada durante a conversa inicial e a apresentação de slides, demonstrando compreensão do assunto e dos trechos apresentados, além de interesse em responder as perguntas realizadas. Em alguns momentos houveram comentários de mau gosto, e outros até mesmo inocentes, como por exemplo: “Como assim ela é indígena e escreve?”, “Eu achava que indígena não fazia faculdade.”, “Professora, mas índio não mora no mato?”. Tais comentários foram questionados e desconstruídos em grupo, dessa forma os alunos compreenderam o que era o estereótipo indígena e ficaram realmente felizes em conhecer a autora Márcia Kambeba e seus diversos talentos. Tanto que, os comentários mudaram: “Nossa professora, ela é muito inteligente.”, “Ela deve ser muito criativa para escrever tantos poemas.”, “Estou curioso para ver como ela vai mostrar a aldeia e a cidade.”.

3. Reflexão coletiva

Houve uma boa participação da sala na atividade, porém alguns alunos demonstraram interesse apenas no final da aula, conforme introduzimos os trechos dos poemas.

4. Desafios encontrados

- Dificuldade de participação: Durante a realização da introdução alguns alunos não demonstraram tanto interesse, porém interagiram mais conforme apresentamos diferentes trechos de poemas da autora Márcia Kambeba.
- Preconceito estrutural: Durante a conversa inicial percebemos alguns comentários de mau gosto, mas que foram devidamente questionados e explicados em sala.

5. Aprendizagens

A atividade foi bem-sucedida em alcançar os objetivos propostos. Mesmo com algumas dificuldades conseguimos dar continuidade na aula e desconstruir padrões colonialmente estabelecidos.

6. Sugestões para futuras aulas

Desenvolver mais leituras em grupo para que toda a sala possa compartilhar mais ideias sobre os trechos.

Desenvolver atividades decoloniais a fim de desconstruir estereótipos étnicos.

7. Conclusão

A aula para a realização da introdução foi uma experiência proveitosa, tanto para os alunos quanto para nós, enquanto facilitadores. Foi gratificante perceber a vontade dos alunos de aprender sobre algo novo.

Fonte: Acervo Pessoal

Leitura e Interpretação

Após a apresentação dos autores indígenas e de suas respectivas obras, foram realizadas leituras parciais dos textos em sala de aula, acompanhadas pelos alunos por meio de slides e realizadas em voz alta pelas pibidianas ou por alunos voluntários, caracterizando a prática da leitura compartilhada. Essa estratégia metodológica mostrou-se fundamental para promover o contato coletivo com os textos literários, favorecer a escuta atenta e ampliar as possibilidades de compreensão, sobretudo considerando a diversidade de níveis de leitura presentes na turma.



Da obra *Ay Kakyri Tama*, foram lidos e interpretados os poemas “Silêncio Guerreiro”, “Árvore da Vida”, “Minha Memória – Meu Legado”, “Minha Pena Vermelha”, “Belém Indígena – Belém Cabocla” e “Mar de Ajuruteua”. Já da obra *A vida não é útil*, foram trabalhados os ensaios “Não se come dinheiro”, “Sonhos para adiar o fim do mundo” e “A máquina de fazer coisas”. A seleção desses textos buscou contemplar temáticas centrais das duas obras, como identidade indígena, memória, ancestralidade, relação com a natureza, crítica ao consumismo e questionamento dos modelos hegemônicos de desenvolvimento.

Durante os momentos de leitura, foram realizadas pausas estratégicas para comentários, levantamento de hipóteses interpretativas e diálogo com os conhecimentos prévios dos alunos. Apesar da timidez inicial, a turma demonstrou progressivo envolvimento, participando por meio de perguntas, observações e relatos pessoais, o que contribuiu para a construção coletiva dos sentidos dos textos e para o fortalecimento do vínculo entre leitores e obras.

Além disso, destacam-se as produções individuais dos estudantes, que registraram, com cuidado e criatividade, desenhos, trechos destacados dos textos e pequenos escritos relacionados às temáticas discutidas em sala. Esses registros funcionaram como instrumentos de expressão subjetiva e de apropriação dos conteúdos literários, evidenciando processos de interpretação, sensibilização estética e reflexão crítica. As produções também permitiram observar como os alunos passaram a reconhecer a literatura indígena como um espaço legítimo de autoria, memória e resistência cultural.

Imagem - Registro de um aluno sobre as aulas.



Fonte: Acervo Pessoal.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final da execução da sequência didática, foi aplicado um último questionário por meio do Google Forms, com o objetivo de avaliar os impactos das atividades desenvolvidas e identificar possíveis mudanças nas percepções dos alunos acerca da literatura indígena e dos povos originários. Os resultados obtidos revelaram avanços no interesse, na compreensão e na postura crítica dos estudantes em relação às obras trabalhadas.

Os dados indicaram que aproximadamente 80% dos alunos demonstraram interesse em finalizar a leitura integral das obras apresentadas ao longo da sequência didática, enquanto 88,5% afirmaram sentir curiosidade em conhecer outros livros de autores indígenas. Esses percentuais evidenciam uma ampliação do repertório literário dos estudantes e um fortalecimento do vínculo com textos que, até então, eram pouco conhecidos ou associados apenas a conteúdos pontuais das disciplinas de História e Geografia.

As respostas discursivas dos alunos também revelaram processos de reflexão crítica desencadeados principalmente pela leitura de *A vida não é útil*, de Ailton Krenak. Entre os aprendizados mencionados, destacam-se comentários como: “Aprendi que o ser humano se preocupa demais com novas tecnologias, se esquecendo de cuidar da natureza, apenas irão sentir sua falta quando não sobrar uma árvore sequer”; “Aprendi a respeitar ainda mais a cultura indígena”; e “Aprendi sobre as dificuldades dos indígenas”. Tais falas indicam que os estudantes passaram a relacionar a obra com questões ambientais, sociais e culturais contemporâneas, demonstrando compreensão dos temas centrais discutidos pelo autor.

Outro aspecto observado nos resultados foi a mudança de percepção dos alunos em relação às pessoas e à literatura indígena. Quando questionados sobre possíveis transformações em suas visões iniciais, muitos estudantes reconheceram a desconstrução de estereótipos previamente naturalizados, como se evidencia nas respostas: “Mudou muita coisa, pois antes eu pensava que era só viver na tribo e se pintar com o urucum, e hoje eu vi que não é apenas isso” e “Sim, eu passei a ver o mundo como uma vida, que temos que cuidar”. Essas declarações evidenciam o papel da literatura indígena como instrumento de formação crítica, capaz de ampliar a compreensão sobre diversidade cultural, identidade e modos de existência.

Dessa forma, os resultados obtidos confirmam que a sequência didática possibilitou o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação e também a construção de novos olhares sobre os povos indígenas e suas produções literárias, contribuindo para uma educação plural, sensível e comprometida com a valorização das culturas originárias.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada permite afirmar a eficácia da aplicação da Sequência Básica de leitura proposta por Rildo Cosson (2016), especialmente quando articulada ao trabalho com a literatura indígena em sala de aula. Ao longo do desenvolvimento da sequência, observou-se um avanço no envolvimento dos alunos, tanto no que diz respeito à ampliação do repertório literário quanto à construção de uma postura mais crítica e reflexiva diante das temáticas abordadas.

Os resultados evidenciam que o contato mediado com obras de autores indígenas favoreceu a desconstrução de estereótipos historicamente cristalizados, possibilitando aos alunos compreenderem a literatura indígena como produção viva, contemporânea e plural, narrada por sujeitos que falam de suas próprias experiências, memórias e lutas. Para que esse processo ocorresse de forma significativa, foi fundamental o papel das pibidianas como mediadoras da leitura, que também passaram por um processo inicial de desconstrução e ampliação de seus próprios horizontes leitores.

Assim, a sequência didática mostrou-se extremamente relevante e produtiva, considerando-se a participação, o interesse e a atenção demonstrados pelos alunos ao longo das atividades. Do ponto de vista formativo, a atuação no âmbito do PIBID constituiu-se como uma experiência de aprendizagem significativa para as futuras professoras, contribuindo para a consolidação de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade cultural, a leitura literária e a formação crítica dos estudantes.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

KAMBEBA, Márcia. **Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade**. Manaus: Grafisa Gráfica e Editora, 2013.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

